

ADOLESCÊNCIA E ADAPTAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE SEXUALIDADE E GÊNERO E CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Elizabeth Lima¹;
Gabriela Hahn Agostinho²;
Marlene A. W. Simionato³

RESUMO: Adaptação na psicologia genética é busca de equilíbrio na interação sujeito-meio, compreende: maturação, experiência, transmissão social e o processo de auto-regulação. Em estudo realizado em periódicos qualis “A” da CAPES, área da psicologia e educação, a adolescência não se mostrou uma categoria única no exercício da sexualidade. Em adolescentes de nível sócio econômico baixo, evidenciou: prática do sexo seguro, com entendimento do sexo prazeroso; prática do sexo não seguro, conferindo à mulher a responsabilidade pela prevenção. Adolescentes de escolas públicas e privadas apresentaram um julgamento moral conservador dos papéis sexuais, reproduzindo estereótipos midiáticos de gênero; a escola mostrou-se pouco eficaz no exercício de uma reflexão crítica. É importante estimular projetos e atividades complementares sobre a temática em todos os níveis escolares para uma proposta que respeite a diversidade e valorize a formação de sujeitos autônomos e críticos.

Palavras - chave: Adaptação; adolescência; sexualidade e gênero.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem o objetivo de socializar os resultados específicos, em sexualidade e gênero, de um projeto de iniciação científica, que teve como tema adaptação e adolescência. Tal projeto utilizou como fonte 4 periódicos qualis “A” da CAPES na área da psicologia e educação produzidos nos anos de 2000 a 2010, deste modo busca refletir sobre a compreensão e experiências dos adolescentes em sexualidade e gênero na

¹ Docente do Departamento de Psicologia – UEM

² Acadêmica do Curso de Psicologia - UEM

³ Docente do Departamento de Psicologia - UEM



atualidade, e suas implicações para a educação na perspectiva da política de inclusão e respeito às diversidades.

Sobre a sexualidade na sociedade, Jurandir Freire Costa, no prefácio do livro de USSEL (1980) já destaca que a repressão sexual decorrente do capitalismo e da revolução industrial não é uma novidade e mesmo compreendendo que os mecanismos da repressão tenham atuado através de diferentes agentes, ações e pontos de disseminação, afetando inicialmente mais a classe média, ela não é uma questão de classes; faz parte das lutas pelos direitos à cidadania, aos bens materiais, à cultura, ao lazer e por que não à liberdade sexual.

Jurandir Freire Costa, também no livro citado acima (USSEL, 1980) faz considerações que nos levam, profissionais da educação e da área da saúde, a pensar a liberdade sexual sem falso puritanismo ou ingenuidade. A ciência enquanto poder contribuiu para determinar através do movimento higienista do início do século XX, padrões de normalidade (o bom e o mau, o normal e o perverso, o sadio e patológico) e ainda exerce seu poder, por isso o autor (idem) indaga se não poderá ela também estar contribuindo para determinar os padrões do que seja a liberdade sexual hoje? Em outras palavras, a ciência não é neutra, assim como não são neutras a política e as nossas posições enquanto sujeitos e profissionais na sociedade.

O GT- Grupo de Trabalho sobre sexualidade e gênero da ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação) tem trazido em seus artigos preocupações e reflexões referentes às lacunas sobre a temática nos currículos de graduação e pós-graduação (LOURO, 2006; MEYER, et all, 2004). Os autores (idem) mostram que o interesse pela temática transita por diferentes etnias, raças, religiões e nacionalidades e já se constitui enquanto objeto de estudo de diferentes áreas (Direito, literatura, arte, semiótica, história, saúde, educação, política, etc.). Acreditamos que o caminho para avançar nessa discussão deve iniciar com a reflexão da realidade hoje: pelo olhar da diversidade, não da tolerância de quem aceita a diferença do alto da sua superioridade; pela voz de estudiosos e das minorias, que sofrem preconceitos sexuais e de gênero, mas que teimam em se manifestar.

WITTIG, (1980) uma escritora e feminista francesa, em seu texto “o pensamento hetero”, traz exatamente uma crítica ao discurso dominante da sociedade que considera a heterossexualidade como o padrão de sexualidade humana, o que remeter à idéia de gênero.

O conceito de gênero surge exatamente do trabalho de feministas, no século XX, como forma de desatrelar a concepção de masculino e feminino ao de sexo biológico, ou seja, o sujeito homem e mulher se constroem social e culturalmente. Pensando desta forma, as diferenças se apresentam em função de lugar e tempos definidos, são múltiplas, por isso o que é importante e valorizado por uma cultura, pode não ser para outra.

LOURO, (2002) em seu artigo “Currículo, Gênero e sexualidade, refletindo sobre o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”, refere-se exatamente aos preconceitos e estigmas por que sofrem homossexuais nas escolas, e defende que “precisamos, enfim, nos voltar para práticas que desestabilizem e desconstruam a naturalidade, a universalidade e a unidade do centro e que reafirmem o caráter construído, movente e plural de todas as posições. É possível, então, que a história, o movimento e as mudanças nos pareçam menos ameaçadores.” (LOURO, 2002)

ANZALDÚA (2000), CASTRO (s/d), assumem posições que representam minorias ativas. ANZALDÚA (idem), feminista americana, negra e escritora, filha de camponeses, através da escrita expressou seu trabalho ativista para denunciar a exploração das mulheres de cor e trabalhadoras. CASTRO (idem), feminista indígena, se posicionou contra o movimento “queer”, termo usado inicialmente como forma depreciativa para se referir a homossexuais e lésbicas, mas depois foi apropriado com orgulho por alguns setores estigmatizados. Apropriação como forma de se rebelar contra atitudes homofóbicas da sociedade globalizada, que busca padronizar os comportamentos e os corpos. Na contramão da discriminação inicial o termo ‘queer’ passou a representar uma defesa à hibridação, um combate à idéia de identidade seja de gênero, raça, classe, porque seriam termos alcunhados pelo próprio sistema opressivo. O que CASTRO (idem), pretende com sua crítica ao movimento “queer” é exatamente fazer valer os direitos de luta dos grupos oprimidos, daí a importância de preservar as suas identidades próprias: índios, negros, homossexuais, mulheres.

A discussão não traz respostas prontas, mas aponta para uma visão de sociedade plural e provoca uma indagação sobre como pode ser pensado o conceito de adaptação nessa sociedade.

Na Psicologia Genética de PIAGET, (1973; 1983) adaptação, é inteligência não enquanto uma faculdade isolada e herdada geneticamente, mas como um processo de compreensão que envolve ação e reflexão do sujeito, com o predomínio de um mecanismo auto - regulador, mas tão somente para balizar as diferentes influencias pelas quais o

homem sofre na sua interação com o meio, a saber: a maturação, as experiências e a transmissão social.

A compreensão não ocorre por acúmulo de informação, mas por um processo de auto-regulação que implica resignificação pelo sujeito, ele é ativo no processo e compreende um componente cognitivo (estrutural), e afetivo (energético). A adaptação tanto pode ser acrítica e normatizadora de comportamentos e valores, quanto pode ser crítica e transformadora, conforme mesmo o conjunto das experiências do sujeito e das influências do seu meio.

A Psicologia Genética (PIAGET, 1986) considera que esse processo de compreensão segue um equilíbrio cada vez mais elaborado e complexo, sem rupturas, onde conhecimentos iniciais dão base para novos conhecimentos que se reformulam e reorganizam de forma organizada e coerente. É a busca de um equilíbrio, nunca totalmente atingido, ou tão somente pela via de construtos lógicos - matemáticos, mas que nos mobiliza e nos faz superar limites e enfrentar desafios.

Esse equilíbrio pode ser mais pleno a partir da adolescência. A adolescência para PIAGET (1976), que estuda o sujeito epistêmico, é considerada como um período menos egocêntrico tanto em termos de operações do pensamento quanto nas suas interações afetivas e sociais. “Este equilíbrio ultrapassa amplamente o do pensamento concreto, pois, além do mundo real, engloba as construções indefinidas da dedução racional e da vida interior” (PIAGET (1986, p.65). Dito de outra forma, o adolescente não se prende só à perspectiva própria, pode considerar diferentes posições em jogo tanto na interação com o objeto quanto com o outro, podendo alcançar uma apreensão mais elaborada e objetiva da realidade. Entretanto, falta-lhe experiência, vivência, daí o nosso interesse em verificar como se apresenta a sua adaptação.

A pesquisa teve como objetivo investigar o que tem sido produzido acerca da adaptação – adolescência e como ocorre essa adaptação, a partir da análise da produção on-line na área da Educação e Psicologia nos últimos dez anos. Para a finalidade deste artigo trataremos apenas das análises referentes à categoria sexualidade e gênero.

METODOLOGIA

Adotamos como material de consulta quatro periódicos Qualis “A” da CAPES na área da educação e psicologia, a saber: Cadernos de Pesquisa - SP; Psicologia: teoria e



pesquisa – UNB-DF; Psicologia: reflexão e crítica UFRS-RS; Psicologia em Estudo UEM-PR e consideramos a produção ocorrida a partir do ano 2000. Identificamos todas as edições on-line, procedemos à procura dos artigos, inicialmente pelo título em seguida pela leitura dos resumos, e quando necessário das introduções e conclusões. A seleção final dos artigos foi baseada no acordo mútuo entre a acadêmica e as orientadoras sobre a adequação dos mesmos ao estudo da adaptação, ou seja, tratavam da investigação das experiências, explicações, julgamentos ou representações dos adolescentes.

Todos os artigos selecionados necessariamente envolveram coleta de dados com adolescentes brasileiros, não sendo considerados aqueles só teóricos e aqueles cujo objetivo não fosse o próprio adolescente, e sim avaliação de alguma metodologia de investigação ou de intervenção junto a essa população.

Após uma leitura geral dos artigos esses foram agrupados por categorias - conteúdos de experiências e/ou julgamentos e representações dos adolescentes. Os resultados encontrados em cada artigo e as variáveis consideradas nos mesmos, idade, sexo, escolaridade, nível sócio-econômico, foram balizadas para a compreensão da adaptação.

ADAPTAÇÃO EM ADOLESCENTES E SEXUALIDADE E GÊNERO

Do total de 08 artigos encontrados sobre a temática, três deles trabalham com população feminina e investigam sobre gravidez e iniciação sexual; três trabalham com população masculina e investigam a paternidade e a sexualidade quando em regime de privação de liberdade (detentos) e dois trabalham com uma população masculina e feminina e investigam sobre a concepção de gênero, e sobre as diferentes estratégias de enfrentamento das dificuldades utilizadas por ambos os sexos.

Sobre as meninas, os artigos investigam a iniciação sexual, e a compreensão que têm da maternidade e da rede de apoio às gestantes, todos eles trabalham com adolescentes de baixo nível sócio econômico e de escolaridade (em geral ensino fundamental) e pode-se observar que a sexualidade não é única.

A pesquisa de DIAS e GOMES (2000) baseou a análise em entrevistas com adolescentes grávidas entre 12 e 19 anos ou já mães. Sobre a prevenção as adolescentes consideraram que as informações recebidas foram parciais, ou incompletas e prejudicadas, ou pela falta de confiança do interlocutor preferencial, a mãe, ou por outros interlocutores,

tias e amigas, não apresentarem esclarecimentos ou reduzirem incertezas. De acordo com a análise das autoras (idem) pudemos observar que embora existam indicativos de expectativa do sexo prazeroso, não existe no meio em que vivem a aceitação da sexualidade adolescente e faltam informações ou é ausente a discussão franca e segura sobre o assunto.

A pesquisa de MOREIRA e SARRIERA (2008) também com adolescentes grávidas, (realizavam o pré natal em hospital de rede pública), indicou que as participantes encontravam-se satisfeitas com o apoio social recebido e as principais figuras citadas foram a mãe, o companheiro, os amigos e o pai. Em maior número aparece o apoio da mãe e do companheiro. De acordo com a revisão da literatura feita pelas autoras (idem) o apoio de familiares é indicado como exercendo influência significativa tanto na idade da iniciação sexual dos jovens quanto na prevenção da gravidez. No caso específico não ajudou a prevenir, mas parece ter favorecido para que as adolescentes grávidas pudessem lidar melhor com as mudanças e dificuldades enfrentadas. As autoras destacam que existe uma centralização do apoio em torno dos familiares o que pode indicar uma sobrecarga do sistema familiar e dificuldade por parte de outros sistemas (comunidade, escola, serviços de saúde pública) em serem percebidos como fonte de apoio real. Existe então a necessidade de um trabalho conjunto (sistemas e pais).

TAQUETTE e VILHENA (2008) realizaram um estudo com o objetivo de entender alguns aspectos da iniciação sexual feminina entre adolescentes de baixa renda. O nível de escolaridade não foi explicitado, embora tenha sido evidenciada a baixa expectativa em relação a uma maior qualificação educacional e profissional. As autoras (idem) evidenciaram a prática do sexo seguro, com entendimento do sexo prazeroso e quebra do mito do amor romântico, co-existindo com posições de ambivalência quanto ao que pensam e sentem ser o correto. Apontam algumas questões relevantes das falas das adolescentes: a moral social - tornando a sexualidade ambivalente entre prazer e culpa; a família - ocupa um lugar importante na socialização e apoio do jovem, e sua presença ajuda no respeito e cuidado que os jovens têm por si; o grupo de igual - estimula a iniciação sexual, lida com mais naturalidade sobre o tema e às vezes influencia mais que os familiares; o nível sócio econômico - contribui para facilitar ou dificultar as condições materiais e educacional do grupo.

Em adolescentes mulheres de baixa escolaridade e de baixo nível sócio econômico, as pesquisas analisadas indicam tanto influências diferentes do meio, quanto experiências

diferentes com a sexualidade: prática do sexo seguro e não seguro; o exercício da sexualidade indicando um direito, mesmo que co-existindo ambivalências entre prazer e culpa. A prática do sexo não seguro leva a maior ocorrência de gravidez, influenciada tanto pela precariedade de informações quanto pela ausência de discussão franca e segura sobre o assunto. O que reforça, na perspectiva da psicologia genética que a transmissão social, só enquanto informação, não contribui para a compreensão e a autonomia do adolescente.

A pesquisa de LEVANDOWSKI e PICCININI (2002) trabalhou com adolescentes meninos entre os 15 e 20 anos de idade, de nível sócio econômico baixo ou médio e com escolaridade média de 8 anos e mostra experiências precoces de paternidade, desmistificando que o cuidado dos filhos seja só da mulher, ou só do homem maduro.

ORLANDI e TONELI (2008) investigaram sobre as repercussões da paternidade no cotidiano de adolescentes pais, visando contribuir para a elaboração de políticas públicas. Entre os oito adolescentes pais entrevistados (com idades entre 16 e 19 anos), e de baixa renda, apenas dois planejaram a gestação junto com a parceira e somente um deles não considerou a paternidade planejada nem desejada. Os seus discursos não contemplavam comportamentos preventivos em relação à DSTs e quando solicitados a falarem sobre o assunto, a justificativa usada foi a confiança na parceira. O discurso da confiança além de contraditório, pois também era permeado por indicativos de desconfianças, revelou uma reprodução de papéis estereotipados de gênero, em que à mulher cabe o papel de cuidados e prevenção e ao homem o papel de provedor da família. E segundo as autoras (idem) os seus discursos revelaram uma denúncia de limitados espaços para informação e discussão da temática e escassez ou ineficácia de políticas públicas voltadas para a emancipação da população jovem no que se refere ao campo dos direitos sexuais e reprodutivos.

MATTAR (2008) pesquisou sobre o exercício da sexualidade por adolescentes em ambientes de privação de liberdade, num total de 15 adolescentes na faixa etária de 15 a 20 anos, e com nível de escolaridade entre a 3^a e a 8^a série do ensino fundamental. Nas entrevistas todos os que usufruem da visita íntima responderam afirmativamente que aprovam a medida, embora um deles reflita sobre a validade da mesma em decorrência da situação constrangedora por que passa a parceira na situação de revista, e todos os demais jovens que não recebem visita íntima acham que a internação seria melhor se tivessem direito a usufruí-la. A autora também verificou que tal medida, visita íntima, não ocorre como direito, mas como prêmio conforme as regras da instituição. Sobre a educação sexual no ambiente de privação de liberdade, cinco adolescentes disseram que a unidade de

internação não oferece educação sexual e um disse que havia participado de grupos de orientação. Os demais não responderam à questão.

Segundo MATTAR (2008) o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, nada dispõe sobre sexualidade, paternidade ou maternidade e, segundo a autora (idem), qualquer medida socioeducativa, e em particular a internação, não deve ser só punitiva, mas ser correspondente à infração cometida, ou seja, oferecer ao jovem a possibilidade de se reeducar em muitos aspectos da vida, inclusive para o exercício da sexualidade.

Entre os adolescentes, meninos, de baixo nível sócio econômico e escolaridade, também pudemos observar o exercício da sexualidade. Sobre a compreensão de gênero observamos: uma concepção estereotipada de gênero e de divisão de papéis sexuais em que à mulher atribui os cuidados com contraceptivos e ao homem o sustento da família; a capacidade do adolescente em cuidar do filho desmistificou a idéia de que seja papel só da mulher ou do adulto, indicando uma perspectiva diferente de papéis de gênero quando a este cuidado. O exercício da sexualidade masculina, assim como das meninas, apontam que no âmbito educativo, poucas são as instituições e os espaços que favorecem para uma discussão franca e crítica sobre o assunto, contribuindo para comportamentos de riscos e pré-conceituosos, ou seja, sem uma reflexão mais elaborada.

FÁVERO e ABRÃO (2006) considerando o papel da mídia no desenvolvimento psicológico investigaram as questões de gênero presentes nos atos da fala de adolescentes, a partir de uma situação de interação focada em uma cena de uma telenovela brasileira. Foram sujeitos 47 estudantes de sexta e oitava séries do ensino fundamental e da primeira a terceira séries do ensino médio, divididos em oito grupos mistos. Os resultados indicaram diferenças na forma e frequência de verbalização por parte de adolescentes mais jovens e mais velhos e por parte de meninas e meninos. Entretanto a análise dos atos da fala indicou a manutenção de papéis masculinos e femininos tal como veiculados pela mídia com privilégio ao status masculino. Razão pela qual, as autoras (idem) questionam o papel da educação escolar em proporcionar outro ideário diferente do midiático.

CÂMARA e CARLOTTO (2007) estudaram sobre estratégias de enfrentamento (coping) e gênero em adolescentes, e a relação com bem estar psicológico. Foram sujeito 389 adolescentes de terceiro ano do ensino médio de escolas públicas e privadas. Os resultados da correlação entre coping e bem-estar psicológico revelaram que as estratégias de aproximação ao problema, seja em nível cognitivo seja em nível comportamental, contribuem para um índice mais elevado de bem-estar psicológico em ambos os sexos.

Entretanto, as meninas apresentam um perfil mais autodirecionado para o enfrentamento dos problemas e os meninos apresentam um perfil mais voltado para a busca de apoio externo.

O perfil discriminante encontrado aponta para a necessidade de se considerarem os padrões relativos a gênero que estão subjacentes à educação destinada a meninos e meninas como um diferencial na maneira como cada grupo tende a lidar com situações estressantes em seu dia-a-dia. Os meninos agem mais por evitação, e as meninas apelam às emoções, podem extravasar seus sentimentos e em algum ponto aceitam de forma mais passiva. Em todos os casos, segundo as autoras (idem) os padrões estereotipados de comportamento podem levar à fragilidade na construção de estratégias pelos adolescentes para o enfrentamento de problemas do dia-a-dia.

Sobre a concepção de gênero, prevaleceu em todos os grupos, independente do nível sócio econômico e da escolaridade, padrões mais estereotipados e conforme modelos padronizados veiculados pelas instituições escola, família e mídia. O que preocupa, na perspectiva da psicologia genética, quanto às possibilidades que nossa sociedade está oferecendo para contribuir com a formação de adolescentes mais autônomos e críticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa revelou poucos estudos (apenas oito) sobre sexualidade e gênero na área da educação e psicologia nessa primeira década do século XXI. Os textos seguem uma perspectiva de sexualidade heterônoma.

O entendimento sobre adaptação e sexualidade e gênero em adolescentes foi possível mais pela análise de suas experiências e opiniões do que propriamente pela análise crítica que os mesmos fizeram sobre o tema; este interesse não se constituiu enquanto objeto de estudo das pesquisas. Entretanto nas situações em que esta análise foi buscada e nas opiniões dadas prevaleceu uma concepção estereotipada e padronizada de gênero, e em consonância com o que é veiculado pela escola, família e mídia, o que na perspectiva da psicologia genética não favorece para formação de adolescentes adaptados em termos de autonomia e criticidade.

A sexualidade tem sido exercida pelos adolescentes, como entendimento do direito ou como simples prazer, não se sabe, mas parece romper com um mito do amor romântico

ou da concepção de que deva estar associado ao casamento apenas; ainda que para as meninas gere ambivalência entre prazer e culpa.

Embora tenhamos observado o exercício da sexualidade entre os adolescentes, a questão ainda é cercada de preconceito e tabu. Não existe um padrão que possa generalizar o comportamento dos adolescentes no exercício da sexualidade mesmo entre aqueles de baixo nível sócio-econômico e escolaridade, que a literatura aponta como mais vulneráveis pelas dificuldades sociais. Neste sentido encontramos: a prática de sexo seguro e de sexo não seguro. A família é a instituição que fornece maior apoio aos adolescentes, mais pelo cuidado do que propriamente por uma discussão franca e aberta sobre o assunto. Além das famílias poucas instituições são utilizadas (reconhecidas ou desconhecidas?), para tratar do assunto, o que pode sobrecarregar o sistema familiar, tornando mais precárias as condições de educação do adolescente.

Sobre a escola, é importante estimular projetos e atividades complementares sobre a temática em todos os seus níveis para se pensar uma proposta que respeite a diversidade e valorize a formação de sujeitos autônomos e críticos e a adaptação não resulte apenas em adequação e conformismo.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AMAZARRAY, M.R.; MACHADO,P.S.; OLIVEIRA,V.Z.; GOMES,W.B. A experiência de assumir a gestação na adolescência: um estudo fenomenológico. **Psicologia Reflexão e Crítica**. v.11 n.3, Porto Alegre. 1998

ANZALDÚA, Gloria. Falando em Línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Ensaios. Estudos Feministas**. v. 1. 2000

CASTRO, Yan María Yaoyólotl. **Contra la teoría queer**; www.yanmaria.blogspot.com, acesso em 30/03/2011.

DIAS, A. C. G.; GOMES, W. B. Conversas, em família, sobre sexualidade e gravidez na adolescência: percepção das jovens gestantes. **Psicologia Reflexão e Crítica**. v.13 n.1 Porto Alegre. 2000

FÁVERO, M. E. E ABRÃO, L.G.M. "Malhando o gênero": o grupo focal e os atos da fala na interação de adolescentes com a telenovela in **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. v.22 n.2 Brasília maio/ago. 2006

LEVANDOWSKI, D.C.; PICCININI,C.A. A interação pai-bebê entre pais adolescentes e adultos. **Psicologia Reflexão e Crítica**. v.15 n.2 Porto Alegre. 2002

LOURO, G. L. Currículo, gênero e sexualidade — refletindo sobre o "normal", o "diferente" e o "excêntrico" in **labrys, estudos feministas**. número 1-2, julho/ dezembro. 2002

_____ Gênero, Sexualidade e Educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas; **GT ANPED**. 2006

MATTAR, L. D. Exercício da sexualidade por adolescentes em ambientes de privação de liberdade. **Caderno de Pesquisa**. v.38 n.133 São Paulo jan./abr. 2008

MEYE D. E. E.; RIBEIRO, C.; RIBEIRO, P. R. M. **Gênero, Sexualidade E Educação ‘Olhares’ Sobre Algumas Das Perspectivas Teórico metodológicas Que Instituem Um Novo G.E. ANPED; 2004.**

MOREIRA, M. C.; SARRIERA, J. C. Satisfação e composição da rede de apoio social a gestantes adolescentes. **Psicol. estud.** vol.13 no.4 Maringá out./dez. 2008

ORLANDI, R.; TONELI, M. J. F. Adolescência e paternidade: sobre os direitos de criar projetos e procriar. **Psicol. estud.** v.13 n.2 Maringá abr./jun. 2008

PIAGET, J. **Seis estudos de Psicologia**. Trad. Maria Alice Magalhães D’Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. São Paulo: Forense. (1986)

_____ **Biologia e Conhecimento: ensaios sobre as relações entre as regulações orgânicas e os processos cognoscitivos**. Trad. Por Francisco M. Guimarães. Petrópolis-RJ: Vozes. 1973

_____ e Inhelder. **Da Lógica da Criança à Lógica do Adolescente**. Trad. Por Dante Moreira Leita. São Paulo: Pioneira. 1976.

TAQUETTE, S. R.; VILHENA, M. M. Uma contribuição ao entendimento da iniciação sexual feminina na adolescência. **Psicologia de Estudo**. v.13 n.1 Maringá jan./mar. 2008

USSEL, J. V. **Repressão Sexual**. Trad. Sonia Alberti. Rio de Janeiro: Editora Campus Ltda. 1980.

WITTIG, M. **Pensamento Hétero**. O Pensamento_hetero.html. acesso em 30/03/2011.